

COSMOPOLITISMO: frente e verso da convivência de valores culturais antagônicos e cordiais na cidade de São Paulo

Soraia Cristina de Moraes

Mestranda em História do Brasil – UFPI

A “terra prometida” para os nordestinos recebe uma atenção especial neste trabalho, que reflete ao mesmo tempo: história, memória e identidade. A cidade de São Paulo, que desde o século XIX alimenta o crescimento econômico-industrial e tecno-científico, tem abrigado, durante décadas, pessoas de todas as regiões brasileiras.

A mobilidade social, que sempre fora e foi provocada em função das relações desiguais de desenvolvimento, afetou (e afeta) os piauienses, que se vendo numa realidade e conjuntura infortuita, abdicam da sua terra natal, em busca de “dias melhores” e de um futuro promissor.

Este migrante sai dos “[...] recônditos longínquos do interior, e empreende uma ‘aventura’ na cidade moderna, na qual a experiência intersubjetiva e coletiva do desenraizamento impõe significados dinâmicos e complexos”¹. Essa nova realidade sócio-cultural gera relativismos de trocas, sejam elas humanas ou materiais. Esses nichos de piauienses viveram, e ainda vivem, histórias culturais numa cidade que ostenta um panorama social, em certa medida tenso e imprevisível.

Quais rupturas ocorrem e de que forma é pertinente analisar, tendo em vista que o estilo e ritmo de vida desse migrante se modificam ao desembarcar num lugar onde tudo reflete o inusitado e desconhecido? Ao chegar nesse espaço urbano, a identidade sofre abalos e de certa forma se fragmenta, muitas vezes os obrigando a retornar a um passado perdido, vez que “O passado e o presente exercem um importante papel nesses eventos. A contestação no presente, busca justificação para a criação de novas – e futuras – identidades”.²

A etnia sofre fraturas e o que outrora era inabalável, agora, apresenta características sem referenciais, o que provoca a emergência de novos sujeitos e padrões de vida.

Podemos até supor que essas novas identidades, “[...] são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de formas de exclusão social”.³

Investiremos neste registro acadêmico, tomando como parâmetros as formas de vida, os comportamentos, os vínculos culturais, as tradições e os valores que se estabelecem entre o piauiense e a cidade de São Paulo. É necessário entender como o povo convive e sobrevive num espaço recheado de diversidades, modernidade e “desordem”.

Outro elemento que julgamos contribuir para a tradução de algumas angústias e realizações, que este migrante experimenta, é a memória. Por isso, é que dizemos “[...] que a memória é um elemento constituinte de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também, um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa, ou de um grupo em sua reconstrução de si”.⁴

Tendo em vista que a convivência desse grupo, na terra da garoa, sempre está atrelada ao aspecto mitológico, propomos ir além das suposições, no sentido de atingir os componentes que constroem clichês e estereótipos, compreender com rigor teórico, como se estabelece esta nova composição social, cuja ordem coletiva compõe, sem dúvida, uma nova cartografia com suas complexidades.

Esse processo de hibridização, ao que parece, não é simples, mas é uma mudança que gera uma nova ordem social e exige, do indivíduo, a assimilação de um novo cenário de sociedade e cultura. As formas de tradução dos espaços não serão mais as mesmas e só o tempo será capaz de recompor seus sistemas de valores. Sabemos que “Algumas pessoas argumentam que o hibridismo e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriada à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado. Outras, entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a dupla consciência e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos”.⁵

Cabe, portanto, questionar como uma pessoa reconstrói sua identidade dentro de um panorama em que tudo soa estranho, diferente e, até mesmo assustador. O migrante

piaiense se depara com um cenário onde as cores, as falas e os rostos, não correspondem mais àqueles que ele estava acostumado a conviver, ou, que para ele, os era familiar. Nesta dicotomia. Pensemos então que “Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de tradição, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença, e assim, é impossível que elas sejam outra vez unitárias ou puras”.⁶

A configuração de uma imagem, que comumente é tratada ou retratada de forma pejorativa, diz respeito a um dos aspectos antagônicos, ao passo que a pluralidade vivenciada na cidade dos arranha-céus, reflete os laços afetivos e cordiais, que superam os hífen sociais que geralmente temos conhecimento e que, por sua vez, soam como intolerantes.

As raízes, que serão cultuadas no momento de sua chegada, não serão iguais àquelas que eles deixaram em sua terra natal. A paisagem é outra, as festas e o jeito de viver, também. Por vezes, “[...] sua fala é chamada código restrito, seu jeito de viver, carência cultural, sua religião, credence ou folclore”.⁷

Vale dizer que o sentimento de pertencimento é outro fenômeno social cuja dimensão perpassa por dois aspectos cruciais da convivência humana: a dispersão, que em si mesma é desenraizadora, e a união, que tem o efeito de reenraizar. As bases familiares e sociais, construídas no local onde nasceu e cresceu, diferem totalmente em relação à nova ordem coletiva.

Os confrontos passam a ser um desafio que leva estes atores sociais a se redefinir e se posicionar num espaço, onde, até então, ele não tinha qualquer vínculo. A não ser imagens construídas através dos meios de comunicação, ou através de contato com aqueles que já passaram por esta experiência e que, certamente, relataram as duas faces da moeda: a fortuita e a imprevisível.

O perfil do piauiense na cena pública paulistana e a sua representação no cenário da cidade são fatores relevantes para o entendimento de sua própria origem e imagem. As

novas formas de vida e sua criatividade, no sentido de superar da melhor forma possível, a violência simbólica e urbana que são geradas pela rejeição e por outros fatores sócio-econômicos.

De que forma as heranças culturais, dentre elas a memória, são perpetuadas no decorrer desses anos em que estão distantes de seu lugar de origem? Quais processos subjetivos e econômicos eles enfrentam, quando decidem retornar? Os indivíduos que farão parte desta pesquisa, ou melhor, os sujeitos que serão entrevistados, cinco estão residindo em São Paulo, entre 25 e 5 anos, mais três que retornaram ao Piauí, entre 15 e 5 anos.

O movimento para fora e para dentro será analisado como perspectiva de impulsos, no geral provocados pela pobreza, ou como decisão espontânea, que, neste caso, não se leva em conta os fatores relacionados às chances de sobrevivência. No entanto, em ambos os casos, existem características étnicas, desde a língua ou dialetos, costumes, tradições e sentimentos de lugar.

Conhecer essas identidades piauienses que sentiram e sentem a experiência de passar por uma transição histórico-sociológica, onde estão envolvidos dois fenômenos cruciais, que é a oscilação entre a tradição e a tradução. Igualmente, este estudo dissertativo buscará saber como sobrevivem as lembranças, as memórias coletivas; analisar as subjetividades, tendo como parâmetro a história oral e permeando os paradigmas das sensibilidades e pluralidades culturais.

¹ CAVALCANTI, Helenilda. O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo. In: Burity, Joanildo A.(org) *Cultura e identidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

² SILVA, Tomaz Tadeu da.(org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

³ _____. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

⁴ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

⁶ Idem.

⁷ CAVALCANTI, Helenilda. *Op., cit.*, 2002.